



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

MULHERES EM SÉRIE: UMA COMPARAÇÃO SOBRE OS PRÉ-CONSTRUÍDOS SOBRE O FEMININO EM ISRAEL E NO BRASIL A PARTIR DE UMA FRANQUIA DE MÍDIA

Duílio Fabbri Júnior¹

Resumo: Pessoas com dificuldades de relacionamento, conflitos pessoais e culpas que procuram o *setting* terapêutico de um analista. Assim se constitui o enredo da série israelense *BeTipul*. Essa franquia de mídia foi adaptada para mais de 30 países e teve sua versão brasileira – *Sessão de Terapia* – lançada pelo canal de TV *GNT*, da *Globosat*. Na adaptação brasileira, a personagem Bianca traz a representação feminina da mulher que sofre violência doméstica. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como as diferenças culturais e históricas entre o Brasil e Israel, particularmente no tratamento à mulher, produzem sentidos nos discursos da e sobre a personagem. Esta análise se justifica pelo fato de que, em Israel, a mulher adequa-se às leis religiosas, em que a submissão e a violência estão previstas, diferentemente do Brasil, estado laico, mas também influenciado por discursos religiosos.

Palavras-chave: *Sessão de Terapia*; Mulher; Pré-construído.

Abstract: People with relationship difficulties, personal conflicts and guilt seeking a therapeutic *setting*. This is the plot of the Israeli series *BeTipul*. This media franchise has been adapted to more than 30 countries, and its wins a brazilian version – *Sessão de Terapia* - launched by *GNT* pay TV channel, by *Globosat*. In Brazilian adaptation, the character Bianca brings the female representation of women suffering from domestic violence. From that, this paper aims to comprehend the effects of pre-built. The adaptation has a political and cultural bias, as in Israel, the women fit the religious laws of that country, where the submission and violence are provided in litanies, verses and laws, unlike Brazil. But that participate in present discourse constitution, in order to establish similarities and differences between these countries.

Keywords: *Sessão de Terapia*; Woman; Pre-built.

Introdução

Os laços de parceria entre Brasil e Israel têm uma ligação importante para ambos os países. O Brasil foi um dos primeiros a reconhecer o Estado de Israel. Em 1951, foi criada a Legação do Brasil em Tel Aviv, elevada, em 1958, à categoria de Embaixada. Também em 1951, Israel inaugurou sua Embaixada no Brasil no Rio de Janeiro sendo, posteriormente,

¹Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor da PUC-Campinas.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

transferida para Brasília. Em 2010, Israel reabriu o seu Consulado em São Paulo. Brasil e Israel compartilham uma longa história de intercâmbio nas áreas técnica, científica e tecnológica.²

Poderíamos parar nas afinidades e parcerias de âmbito econômico, mas esse estudo quer trazer diferenças, principalmente no que tange às políticas públicas para a violência contra a mulher, usando como referenciais estudos da Organização das Nações Unidas (ONU) e dados brasileiros, vindos de organizações de defesa da mulher, e, do mesmo modo, de Israel. Para a análise da versão brasileira de *Sessão de Terapia*, veiculada pelo canal a cabo GNT, da *GloboSat*, recorre-se à Análise de Discurso (AD), numa perspectiva baseada em M. Pêcheux (1969, 1975) e M. Foucault (1969, 1970).

Para refletir sobre a situação, a Organização Mundial da Saúde (OMS) traz, em relatórios baseados em dados de 2008 a 2011, que mais de 35% das mulheres do mundo já experimentaram tanto violência física e/ou sexual partindo dos parceiros íntimos ou violência sexual de não-parceiros³. No Sudeste Asiático, onde as religiões mais ortodoxas são maioria, as mulheres estão mais expostas em sofrer algum tipo de violência, seja sexual ou física. Os dados da ONU apontam que a prevalência de mulheres que sofreram algum tipo de violência em seus relacionamentos amorosos durante a vida chega a 37,7%. Na região do Mediterrâneo Oriental (região que compreende países como Iraque, Turquia, Palestina, Israel e também a Grécia), a taxa chega a 37%. Já na África, um dos continentes mais reconhecidos pela violação da integridade física e sexual da mulher, atinge 36,6%. Nas Américas, a taxa de violência contra mulher é de 29,6%, enquanto a Europa contabiliza 25,4% e o Pacífico, 24,6⁴.

De acordo com a OMS, 42% de todas as mulheres que já sofreram violência física e/ou sexual perpetradas por parceiros ou não-parceiros, sofreu também ferimentos de diferentes gravidades. Calcula-se que 16% das mulheres têm problemas relacionados à saúde

²Informações da Embaixada do Estado de Israel no Brasil. Disponível em: <http://embassies.gov.il/brasilia/RelationsPages/Brasil%20e%20Israel.aspx>. Acesso em: 14 mar. 2016.

³Informações do Instituto Avante Brasil. Disponível em: <http://institutoavantebrasil.com.br/38-das-mortes-de-mulheres-no-mundo-sao-agredidas-pelos-parceiros/>. Acesso em: 14 mar. 2016.

⁴Informações do Instituto Avante Brasil. Disponível em: <http://institutoavantebrasil.com.br/38-das-mortes-de-mulheres-no-mundo-sao-agredidas-pelos-parceiros/>. Acesso em: 14 mar. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

e à gravidez. Depois da violência, tem mais chance de dar à luz a bebês com peso abaixo do esperado. O trauma da violência pode ainda causar depressão, em relação a uma mulher que nunca vivenciou uma situação de violência semelhante, segundo dados da mesma pesquisa da ONU.

Outro dado, trazido pelo site *Brasil de Fato*⁵, aponta que cerca de 3,5 milhões de mulheres em Israel, o equivalente a 51% da população, segundo o censo de 2011, têm os direitos civis vulnerados, principalmente no que tange à família. Elas só se casam por rito religioso, já que, pelas leis do país, o casamento civil não tem validade. E nessa questão, só podem se casar após o consentimento do rabino. Para o divórcio, deve haver uma iniciativa do marido, já que a lei jurídica se ampara nas leis religiosas do Talmud, o livro sagrado dos judeus.

Não podemos pensar no papel da mulher no Judaísmo se não pensarmos em história. Na época bíblica, citando o antigo testamento, as mulheres dos Patriarcas eram as Matriarcas, mulheres ouvidas, respeitadas e admiradas. As escrituras citam que as mulheres estavam presentes no Monte Sinai, no momento em que Deus firmou pacto com o povo de Israel. Elas tinham voz, tanto no campo privado como no público. Mas, com o tempo e influências estrangeiras de outros povos que se estabeleceram na região, principalmente a grega, elas foram excluídas de toda atividade pública e passaram a ficar relegadas ao lar. Essa situação das práticas cotidianas daquela época foi expressa nas leis judaicas, então estabelecidas e que permanecem a mesma até hoje. Assim, o nosso entendimento se dá numa formação discursiva em que o mundo refletido em discurso sobre as leis, cultura e religião judaica revelam a maneira de entender a questão de uma subjetividade e deslizamentos, os quais se margeiam em configurações lógicas e fundamentadoras, mas escapa, criando sentidos novos. Tudo isso exige de um analista de discurso um esforço de organização entre um arcabouço de reflexões múltiplas. Esses sentidos produzidos perpassam, neste caso específico, lei e religião, de maneira antagônicas: uns mais contornados e flexíveis, adaptáveis à realidades e inscrições em novas formações e outros mais precisos e determinados, em que a intervenção disciplinadora dos operadores legais são mais perceptíveis. Rodrigues (2005) coloca que:

⁵ Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/5380>. Acesso em: 14 mar. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Muito deste movimento crítico em torno dos sistemas legais, obsoletos e herméticos, para uns, transparentes e objectivos (*sic*) para outros, e muita da discussão acerca de uma pretendida reforma da linguagem que os exprime, surgiram no âmbito de questões mais abrangentes e equacionados a partir de pontos de vista diversos. (RODRIGUES, 2005 p. 112)

Se a memória e as condições de produção interferem nesse eixo fundamentador entre religião, lei e cultura, podemos pensar ainda sobre o interdiscurso, uma vez que este tem íntima ligação com a memória. Para Orlandi (2005), a memória também faz parte do discurso, logo, a maneira como ela surge induz às condições de produção do discurso e a consciência desse fato nos leva à compreensão do funcionamento do discurso, em que o dizer emerge do encontro da constituição com a formulação, memória e atualidade.

A partir disso, a noção de interdiscurso permite pensar que toda formulação se desenvolve por uma relação com aquilo que a memória discursiva determina como elementos de saber. Sob a ótica da Análise de Discurso, a noção de completude funciona como efeito do ideológico sobre sentidos institucionalizados e essa prerrogativa nos faz tentar compreender como os sentidos são textualizados nos espaços da materialidade verbal e não verbal, produzindo diferentes efeitos.

As questões da adaptação e tradução, que também pertencem ao mundo dos estudos literários, transcende esse campo, mas é possível tê-la também como um elemento de investigação e interpretação não literária, por meio da Análise de Discurso (AD), com fortes desencadeamentos presentes na ficção seriada na plataforma televisão. No que se refere ao estudo de gênero e ao discurso de pré-construído e efeito de memória, sustentação e ideologia (aqui conforme Althusser, recuperada por Pêcheux), a Análise de Discurso, sob o arcabouço teórico de Pêcheux e Foucault, é um também instrumento essencial no desvelamento das articulações existentes entre as representações do feminino, ideologia, gênero e suas interpelações, reflexos da adaptação e tradução nesse produto midiático.

Sessão de Terapia, lá e aqui

Pessoas com dificuldades de relacionamento, conflitos pessoais, dramas e culpas que procuram o *setting* terapêutico de um analista. Assim, é o enredo série israelense *BeTipul*



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(“Em Tratamento”, em tradução livre). Criada e dirigida por Hagai Levi, a série é um drama da televisão israelense e se passa em torno da vida pessoal e profissional de um psicólogo.

A série mostra os desafios de um psicólogo, Dagan, que trata pacientes em sua clínica, cinco dias por semana e, em seguida, procura tratamento psicológico/supervisão. Na versão original, israelense, o enredo trazia os seguintes personagens: uma mulher, de 35 anos, com problemas de relacionamento e que nutre uma paixão obsessiva por seu psicoterapeuta; um militar que provoca a morte de várias crianças e entra em crise; uma ginasta de 15 anos que mantém um relacionamento com seu treinador, casado e 30 anos mais velho; além de um casal que discute a possibilidade de um aborto, após passar cinco anos se submetendo a tratamentos de fertilidade. Todos se consultam com Dagan, que, por sua vez, busca orientação para lidar com os problemas de seus pacientes e resolver seus próprios conflitos. Segundo o autor Hagai Levi, a ideia original foi de retratar problemas universais, que muitas vezes não são discutidos, falados, por questões morais, religiosas ou sociais e que acabam deixando muitas pessoas deprimidas e infelizes⁶.

A primeira temporada foi dirigida por Nir Bergman, Ori Sivan, Uzi Weill e o próprio Hagai Levi. A série ganhou todos os prêmios da academia israelense na categoria, incluindo melhor série dramática, ator, atriz, direção e roteiro.

Na segunda temporada, que começou em janeiro de 2008, um terapeuta do sexo feminino foi considerado para o papel principal, mas a ideia foi abandonada sem que houvesse uma explicação clara. Dagan manteve-se o personagem principal. As duas temporadas somaram 80 episódios.

Aqui no Brasil, a versão adaptada ficou por conta da direção de Selton Mello, ator e diretor experiente, e teve como protagonista o ator Zécarlos Machado, no papel do analista Theo Cecatto. O fato de ser uma das primeiras iniciativas brasileiras no mercado de séries, num período de expansão desse tipo de produção, e ter alcançado um grande número de telespectadores, são dados que reforçam a importância da pesquisa ora proposta, haja vista a grande circulação desses discursos e as representações neles contidas.

⁶Entrevista de Hagai Levi, dada a revista brasileira *CULT*, out. 2012. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/10/%E2%80%9Cfalta-espiritualidade-na-terapia%E2%80%9D-diz-hagai-levi/>. Acesso em: 29 jun. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Segundo entrevista concedida aos pesquisadores do grupo GEMInIS/UFSCar, em 2015, o produtor da série, Roberto D'Ávila, explicou que foi preciso “fazer uma adaptação bastante agressiva, no sentido de transformar os personagens e a literatura em personagens brasileiros, uma coisa que fale com o nosso público⁷”, para que houvesse uma aceitação do público alvo. Massarolo e Mesquita (2015) relatam que a exportação da temporada brasileira conferiu ao formato narrativo israelense o *status* de franquia de mídia e suas extensões narrativas se articularam como uma produção serial, na qual redes emergentes e autônomas relacionam-se com outras redes e nós da cultura participativa. A partir da produção brasileira, agora é a vez de *Sessão de Terapia* ser procurada por outros países, para ser exportada.

A personagem, objeto deste trabalho, é Bianca. Ela foi a primeira da terceira temporada a se apresentar. Ela é casada com Tadeu Cadore (Nicolas Trevijano), um mecânico do subúrbio paulista e tem um filho de 7 anos, chamado Enzo, mas que não aparece no seriado. Ela é a personagem que desperta maior audiência entre as pessoas que visitam o site da *GNT*, na *globo.com* para rever ou assistir aos episódios.

Na adaptação brasileira, mais especificamente na terceira temporada, a personagem Bianca traz a representação feminina da mulher que sofre violência, um trabalho com viés político e cultural, já que, em Israel, a mulher se adequa às leis religiosas, nas quais a submissão e a violência estão previstas em ladainhas, versículos e leis.

A análise

Tentar entender as relações de gênero no Brasil perpassa por várias conceituações e estudos, desde a construção de papéis masculinos e femininos até as questões que relacionam gênero e poder, colocando em evidência que a subordinação feminina não é natural, estática e imutável. Com o tramitar histórico, percebe-se que as identidades não são fixas, mas mutáveis e transformáveis, além de serem plurais e diversas.

Dessa forma, dar conta e compreender os funcionamentos discursivos da personagem Bianca colocam-nos, como analistas de discurso, diante de enunciados em que nem tudo está

⁷Disponível

em:

https://www.academia.edu/16706620/Redes_discursivas_de_f%C3%AAs_da_s%C3%A9rie_Sess%C3%A3o_de_Terapia. Acesso em: 12 jul. 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

‘dito’ e constituído no presente. Por essa razão, Maingueneau (2007) explicita o que ele chama de “primado do interdiscurso”, isto é, a ideia de que há um eixo ou um feixe de sentidos possíveis que precedem o discurso em si, uma gama de relações entre língua, história e sujeitos que deve ser buscada pelo analista.

A partir disso, a noção de interdiscurso permite pensar que toda formulação se desenvolve por uma relação com aquilo que a memória discursiva determina como elementos de saber. Os sentidos são produzidos nos espaços da materialidade verbal e não verbal, produzindo diferentes versões e efeitos. Um desses efeitos produzidos é o de pré-construído, que Pêcheux ([1975] 2009, p.142) define como “um elemento que irrompe no enunciado com aquilo que foi pensado antes, em outro lugar, independentemente, produzindo o sentido como evidência, como sempre já-lá, como o já pensado do pensamento”. E é por meio desses efeitos que se dão as evidências ideológicas e articulações nas narrativas e que dissimulam a opacidade da linguagem, produzindo novos sentidos.

Scott (1990) ressalta que tais elementos são articulados, porém não agem ao mesmo tempo e nem são apenas reflexos um do outro. A segunda parte de sua acepção refere-se ao conceito de gênero como primeiro modo de significar as relações de poder, pois gênero é:

[...] um primeiro campo no seio do qual ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia à significação do poder no Ocidente, nas tradições judaicocristãs e islâmicas. [...] O gênero é então um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando as (os) historiadoras(es) buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, elas (eles) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero, e o gênero constrói a política (p. 16-17)

Vale, então, refletir aqui sobre as questões de discurso e poder. Foucault ([1970] 2012) coloca que os discursos na sociedade são controlados, selecionados e organizados. Uma das formas de manter esse controle é por meio das instituições, que instauram e/ou reproduzem os discursos. Foucault cita a pedagogia, os livros, as bibliotecas, as sociedades dos sábios de antigamente e os laboratórios atuais como suportes que buscam dominar e conduzir os discursos, visando instaurar uma verdade. Além disso, afirma que “os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos, não podem ser dissociados dessa



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (p. 39).

Quando pensamos as questões de gêneros e a violência com se traduz no Brasil, encontramos aqui uma mulher que, apesar de estar sob um poder supostamente machista, se defende, denuncia, o que faz o Estado se manifestar por meio de leis e punições que, embora nem sempre seja a forma ideal, consegue trazer um modelo de comportamento mais próximo de uma igualdade entre homens e mulheres.

O Estado não seria o aparelho único e central do poder, pois há exercício do poder para além do aparelho estatal, acontecendo de maneiras variadas e heterogêneas. A existência de outras relações de poder não interligadas diretamente e nem emanadas do Estado significa dizer que tal ente não funda todas as formas e manifestações de poder, uma vez que este ocorre por níveis variados em nexos distintos do tecido social.

O discurso, portanto, não reflete apenas o controle do poder, mas é curiosamente também, o próprio poder. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, [1970] 2004, p. 10).

Considerações Finais

A compreensão dessas questões de diferenças culturais, de gênero e sociedade não são de fácil apreensão, podendo recair em tentações de análises vitimais, essencialistas ou até mesmo entrar no cerne biológico. De tal modo que, ao adentrarmos nessa complexa e arguta teia, deve-se lançar um caminho capaz de desenrolar uma abordagem das relações de poder e crítica sobre as desigualdades entre homens e mulheres.

As relações de poder nessa análise dão-se por meio das relações de gênero, interpondo as relações sociais, sejam de classe, orientação sexual, religiosa e/ou etnia. Essas formações discursivas se inserem nas estruturas de poder, não tendo contorno apenas ideológico, pois até mesmo esta é compreendida como algo material, por ter experiências e práticas vivenciadas cotidianamente pelos sujeitos de uma dada realidade social.

Dessa forma, ainda considerando as colocações de Foucault, em especial no que tange às preocupações feministas de igualdade sexual, é a questão do poder/saber. Para Foucault



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(1995), o poder e o saber estão imbricados. O poder não é apenas repressor, mas pode ser produtivo, heterogêneo, e se delinea através de “práticas e técnicas que foram inventadas, aperfeiçoadas e se desenvolvem sem cessar. Existe uma verdadeira tecnologia do poder, ou melhor, de poderes, que têm uma sua própria história” (FOUCAULT, 1995, p. 241).

Segundo ele, em cada sociedade, há uma vontade de verdade com seus mecanismos particulares de produção. Foucault (1995, 1999) diz-nos que a Verdade não está externo ao sistema de poder e que não há uma Verdade sem poder. Rejeitando a hipótese repressiva do poder – próprio de um sistema coercitivo das leis ou do Estado - ele faz menção a uma rede de tecnologias e sistemas disciplinares em que o poder opera. A noção de poder inclui a existência de uma resistência, fundamental na contraposição a todas as formas de opressão e violência. Foucault (1995) compreende que há relações em que o poder está congelado, sem fluidez, um estado de dominação. E essa se dá, então, de forma assimétrica, desigual, linear e vertical.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, M. (1969) *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

_____. (1970) *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. (orgs.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. (p. 231-249)

_____. *Estética, ética e hermenêutica* (Obras Essenciais, v. 3). Buenos Aires, Argentina: Paidós, 1999.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2007.

MASSAROLO, J; MESQUITA, D. *Redes discursivas de fãs da série Sessão de Terapia*. São Carlos: UFSCar 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/16706620/Redes_discursivas_de_f%C3%AAs_da_s%C3%A9rie_Sess%C3%A3o_de_Terapia_. Acesso em 28 set. 2016.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2005.

PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2009.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

RODRIGUES, M. C. *Contributos para a análise da linguagem jurídica e da interação verbal na sala de audiências*. Universidade de Coimbra, 2005

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.16, n.2, p., 5-22, jul/dez., 1990.